

O fim do império burocrático nas artes

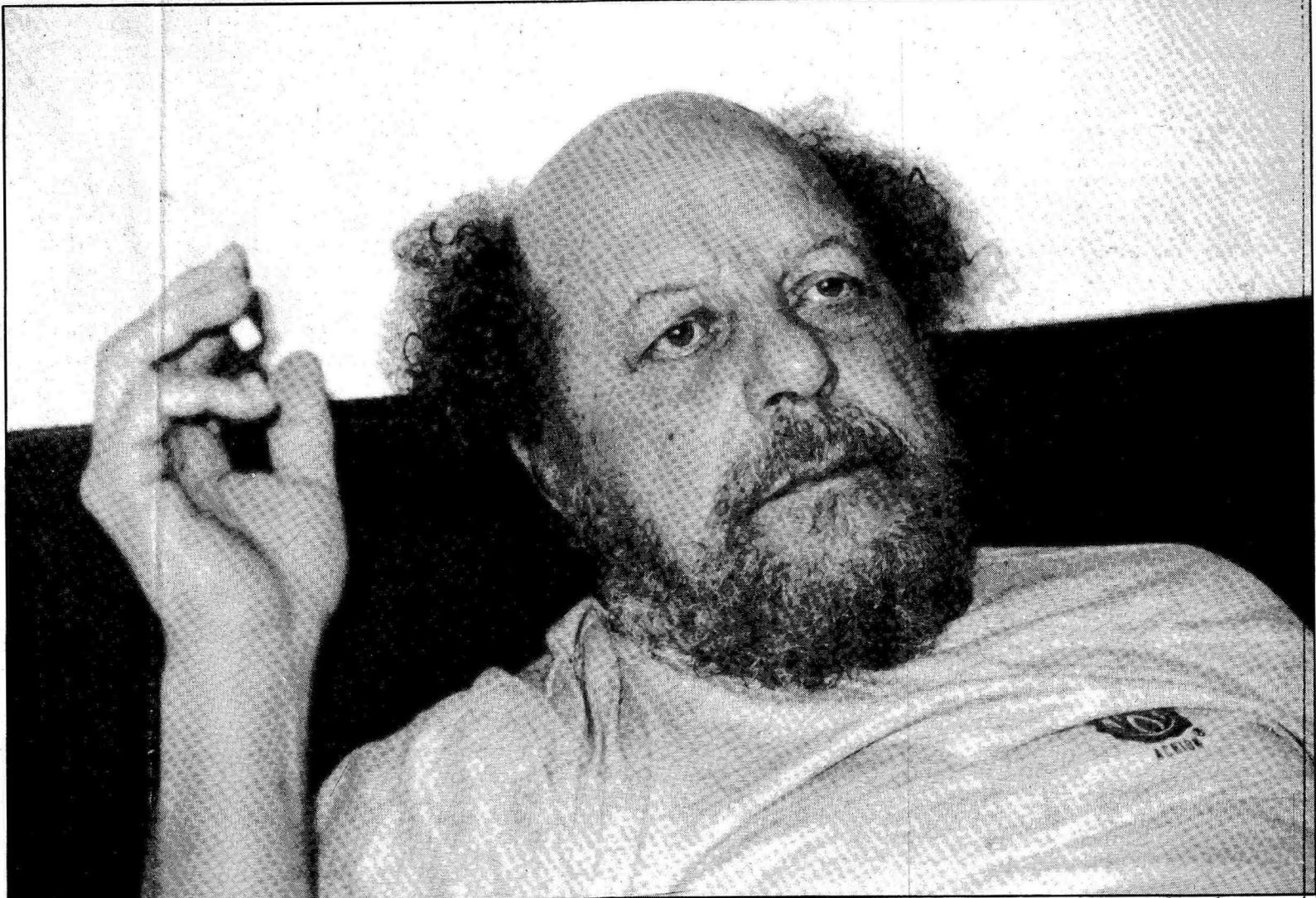
Jardim aposta em núcleos de ação contra as assessorias anêmicas e na formação e aperfeiçoamento de pessoal

ANAMARIA ROSSI

Reynaldo Jardim assumiu anteontem a direção do Departamento de Promoções da Fundação Cultural do DF com o firme propósito de fazer da consciência social a mola-mestra da atuação do setor. "Temos que colocar na cabeça que os projetos promovidos e patrocinados pela Fundação devem ter um lucro social claro", afirmou. Ex-assessor Especial para Assuntos Não-Convencionais do GDF, Reynaldo chega à Fundação repleto de idéias e propostas para dinamizar a atuação de seu Departamento. Ele pretende modificar toda a estrutura organizacional, dissolver as assessorias e criar novos núcleos de trabalho, e está mais preocupado com o processo cultural e formação de pessoal que com a quantidade propriamente dita de eventos que serão promovidos.

A primeira mudança proposta pelo novo diretor atinge o nome de seu Departamento. "Departamento de Promoções não diz nada sobre as nossas atividades, parece mais um grupo preocupado com a promoção de festas", explica. Ele sugere que o nome seja substituído por Departamento de Administração Cultural, "um nome que explicita mais o que pretendemos fazer". Se depender de Reynaldo Jardim, as atuais assessorias para artes plásticas, teatro, música, literatura e outras atividades serão dissolvidas e substituídas por núcleos de trabalho que englobarão projetos em todas as áreas. "Hoje os assessores funcionam mais como despachantes burocráticos que como promotores culturais", crítica.

De acordo com a sua proposta, os assessores culturais serão reunidos no Núcleo de Produção, que se responsabilizará por todos os eventos e projetos desenvolvidos e patrocinados pela Fundação. O Núcleo de Projetos, que também faz parte de seus planos, será criado para acompanhar o andamento dos processos relativos aos projetos e eventos, assessorando os produtores culturais no cumprimento das exigências burocráticas a acompanhando passo a passo a utilização das verbas da Fundação. Para cuidar da pauta de programação para os espaços geridos pela Fundação, Reynaldo pretende criar o Núcleo de Programação, que trabalhará em sintonia com os outros dois núcleos, definindo a ocupação e utilização adequada de cada espaço



Humberto Pradera

Reynaldo quer mudar, de cara, o nome do departamento: ao invés de Promoções ele prefere Administração Cultural

cultural.

Concorrência — "Tudo isso ainda são idéias, que fazem parte do Plano de Ação da Fundação Cultural elaborado por uma comissão da qual eu faço parte", anunciou Reynaldo. Esse Plano ainda está sendo estudado pelo secretário Fernando Lemos, antes que seja implementada qualquer mudança na estrutura da Fundação. Mas uma novidade já pode ser anunciada, garante Reynaldo Jardim: toda e qualquer concessão de verba e de espaços será feita, de agora em diante, através de editais de concorrência pública, "como era feito antigamente".

Os editais deverão ser publicados trimestralmente, para projetos e atividades de qualquer natureza. A seleção dos projetos será feita por uma comissão mista, envolvendo assessores da Fundação e representantes da comunidade, e para cada novo edital será criada uma

nova comissão, "para que a seleção não fique viciada". Os primeiros editais devem ser publicados daqui a duas semanas.

Mas nem só de projetos vindos da comunidade vive a Fundação Cultural. A comissão que elaborou o Plano de Ação propôs a criação de Projetos Abertos, que englobam desde os que prevêem a ocupação espacial de Brasília, satélites e Entorno até os de abrangência regional, nacional e internacional. São exemplos desses projetos abertos à participação da comunidade os já tradicionais Festivais de Música das satélites, o Festival de Cinema e o Encontro de Escritores, entre outros. O que o Plano de Ação acrescenta ao que já vem sendo feito é uma política de formação de mão-de-obra artística e técnica para alimentar e estimular a produção cultural nas comunidades locais. É justamente aqui que se concentra a ênfase do Plano, que prevê a cria-

ção de oficinas e núcleos de formação em todas as cidades-satélites.

Escolas — Reynaldo traduz o Plano de Ação dizendo que pretende criar, em todas as satélites, *Escolas de Artes e Ofícios*, abertas a quaisquer interessados. Esta seria a primeira etapa de um processo que ele detalhou em documento que deverá ser anexado ao Plano. Neste documento, Reynaldo define as etapas do processo cultural, que começam nas oficinas e culminam numa caravana dos produtos culturais daí resultados por todo o País. O estímulo à produção local passaria ainda pela seleção, exibição e premiação dos trabalhos em âmbito local e regional, publicação e edição de livros e discos com os melhores trabalhos, e sobretudo pela sua comercialização, que deverá ser coordenada pela própria Fundação. Esse processo visualizado por Reynaldo seria ininterrupto, ou seja, as Escolas funcionariam permanente-

mente alimentando as novas produções.

Comandos — Tudo isso, segundo o novo diretor, só pode dar certo se tanto os artistas quanto os assessores e técnicos da Fundação estiverem imbuídos de um espírito de consciência social. "Temos que fazer verdadeiros comandos de ação social. Se a criança é a prioridade zero do governador, tem que ser a de todos os órgãos do governo. E tenho certeza de que este contato com a realidade, com o povo, será muito mais importante para os próprios artistas, que devem estar sintonizados com a realidade. O problema dos intelectuais e burocratas deste país é que nunca tomaram um ônibus e não sabem o que é fazer continhas para pagar as despesas no fim do mês. Não conhecem a realidade do País", desabafa. Este é o espírito que Reynaldo Jardim pretende espalhar pelos corretores da Fundação Cultural.